

Mercosul precisa de mudanças e respeito às leis

José Manuel de la Sota

por Paula de Paula

foto: Divulgação



Governador pela terceira vez, José Manuel de la Sota não confirma que será candidato a presidente em 2015. Mas diz que, se chegar ao poder, não manterá ações de Cristina Kirchner

SÃO PAULO - **José Manuel de la Sota** é o atual governador do Estado de Córdoba, na Argentina. Em entrevista especial ao jornal DCI, De La Sota afirmou acreditar que a atual crise do Mercado Comum do Sul (Mercosul) é passageira. De acordo com ele, o bloco precisa considerar o Oceano Pacífico e sugere um acordo com o Chile para o uso de seus portos.

Na avaliação do político, a parceria entre o Brasil e seu país pode se aprofundar na área de agronegócios, já que ambos são grandes produtores mundiais de alimentos. Ele também prega a troca de experiências tecnológicas na produção do biodiesel como uma opção para melhorar o relacionamento. De La Sota almeja que essa aliança transforme os dois países nos principais fornecedores internacionais de biodiesel.

O governador é um dos grandes críticos ao governo da presidente Cristina Kirchner e acredita que o atual mandato não tem ouvido as necessidades do povo. De La Sota também disse que os índices de inflação divulgados pelo instituto oficial da Argentina não são os corretos. Ele pertence ao Partido Justicialista (PJ), o maior da Argentina. Esteve no cargo de governador duas vezes consecutivas, entre 1999 e 2007, e iniciou a atual gestão em 2011. No início da década de 90, foi o embaixador da Argentina no Brasil.

DCI: Como está a relação entre a província de Córdoba e o Brasil?

José Manuel de la Sota: Nós temos um acordo assinado com a Câmara de Comércio Brasil e Argentina de São Paulo que é o Projeto CordoBra [Córdoba - Brasil]. O primeiro resultado do projeto é que nós temos um voo direto Córdoba-São Paulo todos os dias, o que é muito bom para a gente, e agora estamos trocando informações sobre os produtos que o Brasil poderia comprar em Córdoba e os produtos que Córdoba poderia comprar no Brasil para melhorar a competitividade das empresas de Córdoba e do Brasil, que eu acho que -junto com os investimentos- têm que ser os dois motores do crescimento do Mercosul. Só o comércio não é suficiente para continuar crescendo, nós já crescemos demais: nos últimos dez anos, o comércio entre Brasil e Argentina cresceu 253% e o Brasil é o destino de 39% das exportações argentinas; no caso de Córdoba ainda mais, de quase 47% das exportações de manufaturas de Córdoba o destino final é o Brasil. Nós temos uma nova indústria de etanol de milho que a

tecnologia é quase toda brasileira, é uma adaptação da tecnologia do etanol brasileiro, a Argentina tem muito mais, então podemos transferir tecnologia brasileira para lá. O Brasil é o primeiro exportador mundial de agroalimentos, a Argentina é o terceiro, mas do mercado do biodiesel de soja 68% são argentinos, e do etanol de cana é o Brasil, então juntos -o etanol de cana brasileiro com o etanol de milho argentino e o biocombustível de soja argentino- podemos ser os primeiros fornecedores do mundo em alimentos e biocombustíveis.

DCI: Como o senhor avalia a atual situação do Mercosul?

JMS: O Mercosul está tendo problemas hoje, e isso é pena. Dói, por exemplo, que o Brasil não vai crescer meio ponto do seu PIB neste ano [2012] porque o governo argentino colocou obstáculos à importação de produtos brasileiros, e a resposta do Brasil, a lógica, é colocar barreiras alfandegárias. Então essa questão que nós estamos tendo agora é o oposto do que a gente lutou na constituição do Mercosul. Eu desejo que o governo da Argentina mude essa política de comércio exterior e voltamos a ter um relacionamento muito estreito entre o Brasil e a Argentina. Eu acho que vai ter que mudar, o mercado argentino já está sentindo e quase 30% do total de investimentos estrangeiros que a Argentina recebeu é brasileiro, US\$ 5,6 bilhões é muito e se essa relação tem uma deterioração não será bom para a Argentina.

DCI: Já houve alguma mudança neste primeiro ano de barreiras argentinas no Brasil?

JMS: A Argentina está importando menos, não só do Brasil, mas o problema é ainda maior com o Brasil, pois ela está importando menos mas continua importando -está importando muito menos do Brasil que de outros mercados porque trocou de fornecedores, está permitindo a chegada de produtos chineses. O pior inimigo do Mercosul é a China, o Brasil também vai ter que fazer alguma coisa em relação a isso, cada vez eu vejo mais produtos chineses aqui no Brasil, também então qual é a maneira que nós temos de nos defender da invasão da China? É no Mercosul, temos que deixar de ficar de costas e tentar trabalhar juntos compreendendo que o inimigo não é o Brasil ou a Argentina, mas a China.

DCI: Como o senhor avalia o futuro do Mercosul? E, o que o Brasil e a Argentina podem fazer para alavancar uma integração maior dos países do bloco?

JMS: Nós temos que fazer uma renovação no Mercosul, e o objetivo mais importante é garantir a seguridade jurídica do Mercosul, nós temos que renovar os acordos e cumpri-los, e o país que mais vai ter que demonstrar que vai cumprir é a Argentina, porque à luz do que está acontecendo hoje a Argentina não está cumprindo os acordos, então isso está desarrumando todo o Mercosul. Além disso, o mais importante é a renovação do Mercosul se estreitar o relacionamento do Brasil e da Argentina, que são os pilares do Mercosul; eu não discrimino os outros países da América Latina, mas, se eu tivesse alguma responsabilidade em influenciar nesta etapa do Mercosul, eu não ficaria tão preocupado em incorporar mais países tão rápido, como foi a Venezuela e como pode ser a Bolívia; eu acho que isso é uma segunda etapa, temos que renovar a constituição do Mercosul - e qual é o eixo do Mercosul? O eixo do Mercosul é Brasil e Argentina. Temos que mudar as regras, inclusive temos que permitir que se o Brasil assinar acordos com os Estados Unidos, com a Europa, se mudar as condições do Mercosul, podemos fazer isso também. O Mercosul não pode ser uma região fechada, isolada do resto do mundo, pensando no mercado mundial. Por exemplo, o Mercosul tem que olhar para o Pacífico, o eixo Ásia-Pacífico já tem 35% do comércio global, e vai continuar crescendo, então o Mercosul não pode estar olhando para o Atlântico, tem que mudar, tem que olhar para o Pacífico porque é lá que está o futuro.

DCI: A entrada do Chile é uma opção?

JMS: Pode ser, ou talvez um acordo com o Chile para a utilização dos portos. Se o Chile quer manter uma independência e não quer ser um parceiro do Mercosul, assinamos um acordo com Chile para a utilização dos portos, temos que investir muito nos portos e aeroportos, rodovias de conexão entre os nossos países. Nós estamos em uma etapa que é ruim. Essa etapa vai passar, porque a Argentina tem uma gestão que está sabendo, que está compreendendo que uma aliança estratégica com o Brasil é o único caminho, sem discriminar

os outros países. Para nós, os argentinos que temos responsabilidades com os governos estaduais e prefeituras, para nós o relacionamento com o Brasil é mais importante do que com outros países.

DCI: Como o senhor avalia, politicamente, a entrada da Venezuela sem a aprovação do Paraguai?

JMS: O Mercosul está sendo politizado, e isso não é bom. A única coisa que os países do Mercosul têm de respeitar é a democracia, e depois tem que respeitar a autonomia política de cada país. Por isso eu não concordo com o ingresso tão rápido da Venezuela, ou já tentar ampliar o Mercosul com outros países da América Latina. É uma etapa que não foi boa; o que eu não aceito é a ideia daqueles que dizem que o Mercosul acabou ou temos que buscar um outro estilo: não! O Mercosul ainda não começou, não é que acabou.

DCI: A entrada da Venezuela piorou a imagem do bloco em relação a outros mercados?

JMS: Eu acho que sim. Eu tenho muito respeito à decisão política do povo venezuelano, eu não tenho nada que falar disso, é uma decisão deles, mas a influência internacional das opiniões do governo da Venezuela politizam demais as decisões do Mercosul - que tem que ser uma região de integração de comércio, de produtividade e de investimentos. A política é uma opinião de cada um dos parceiros do Mercosul mas não pode contaminar toda a região.

DCI: Há boatos de que o senhor pode se candidatar à presidência em 2015. É verdade?

JMS: Ninguém sabe. Na Argentina ninguém pode fazer planos para daqui a três anos em um momento de tantos conflitos. Nesse período, eu estou defendendo o meu estado, que é agredido pelo governo federal porque ele não está pagando a dívida que tem com a gente - já tem 2,5 bilhões de pesos de dívida e eles estão olhando para o outro lado e colocando obstáculos porque é um governo que tem ideias próprias, e eu tenho coragem de falar disso. Nós temos na América do Sul uma ideia de achar que todo mundo tem que pensar igual; eu defendo a liberdade, a possibilidade de ter novas ideias. A minha luta hoje é pelos direitos do meu estado, que é o segundo mais importante da Argentina. A única coisa que nós pedimos é igualdade de tratamento por parte do governo federal, porque eles não estão fazendo isso não, mas é a luta do Federalismo. Todo mundo fala de Federalismo na Argentina, mas depois, quando você tem que discutir o orçamento anual, tem que discutir os investimentos públicos, tudo isso é uma mentira.

DCI: Muito se fala que o governo argentino não divulga os números corretos das contas públicas. Isso acontece mesmo?

JMS: Ninguém acredita nos números do Indec [Instituto Nacional de Estadísticas y Censos] e isso é muito ruim, porque uma democracia, com liberdade que permita os investimentos estrangeiros, tem que ter números certos, números nos quais o povo e os investidores acreditem. Na Argentina, ninguém acredita nos números do Indec. Por exemplo, se a gente tem que discutir o aumento de salários com os trabalhadores, se a gente quer aumentar pelo que o Indec diz que aumentou a inflação, ninguém aceita. Eles preferem acompanhar a alta dos produtos no supermercado, por exemplo, que é mais certo que os números Indec. É uma coisa que a gente ainda tem que mudar, o governo não aceita a nossa opinião: eles dizem que estão certos, mas a realidade é a única verdade. A realidade é que a inflação é o pior problema que a Argentina tem hoje.

DCI: O senhor vê a possibilidade de que essa insatisfação popular possa gerar um impeachment?

JMS: Não, isso não vai dar não, o governo tem maioria na Câmara dos Deputados no Senado... Além disso, o povo não vai colocar ele na rua. Os protestos não são para que a presidente saia, é para que melhore, querem que o governo escute, só isso. Ninguém está

pedindo que vá fora, não, tem que cumprir o mandato, o mandato tem mais três anos, tem que respeitar a Constituição.

DCI: E caso o senhor venha a ser presidente, quais devem ser as coisas mudadas?

JMS: Eu gostaria mais de falar das coisas que eu continuaria, eu continuaria a política de direitos humanos, que foi bom para esclarecer a verdade do que aconteceu na época da ditadura, para fazer justiça contra os criminosos, e eu colocaria mais uma etapa, que é a reconciliação entre os argentinos: depois da verdade e depois da justiça o período que vem é a reconciliação, olhar mais para o futuro que para o passado. Depois eu manteria uma política muito forte de assistencialismo, assistência universal para cada filho de cada pobre que tem na Argentina. Não fica nas mãos dos partidos políticos, um apoio muito forte para as famílias mais pobres, para a alimentação dos filhos, tem muitas coisas boas e isso tem que manter e melhorar. Depois eu manteria também a política do atual governo de investimento na educação: nas universidades da Argentina hoje os professores têm salários que são do primeiro mundo, isso mudou; tem que melhorar ainda a qualidade da educação, mas o problema dos professores, que não ganhavam nada, que era quase uma opção vocacional, não um trabalho, isso mudou. O resto precisa de novas ideias, o próximo governo não tem que perder nem um minuto na crítica ao atual governo, porque isso é um costume da Argentina que é horrível. Nós temos uma sorte, pois sabemos que o Brasil, que é nosso principal parceiro, está no caminho de ser a quinta economia do mundo, então numa associação entre um governo com muita racionalidade da Argentina, uma associação estratégica, a Argentina tem muito a oferecer para o Brasil.

Fonte: DCI, São Paulo, 26, 27 e 28 jan. 2013, Finança & Mercados, p. B10.

A utilização deste artigo é exclusiva para